

PORTO ACADEMICO

QUINZENARIO DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Redactor:
JOAQUIM PERRY GARCIA
REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO:
Rua Antero de Quental, 213 — Porto

Director — A. G. DOS SANTOS NOBRE
AVULSO, \$25 Centavos — TRIMESTRE, Esc. 1\$50

Editor:
ANTONIO CARVALHO ANDRADE
Comp. e imp. na Tip. O PRIMEIRO DE JANEIRO
Rua Santa Catarina, 326 — Porto

CARNAVAL DE ESTUDANTES

A nossa Academia, desejando mostrar orgulhosamente o seu justificado amor pela tam gloriosa e nobre cidade do Pôrto, há muito vai agasalhando a esperança de diluir nos festejos de Carnaval a realizar nesta cidade, a eterna e encantadora alegria das suas capas bem sinceras. Sobre a monotonia carnavalesca dos últimos anos vai deslizar muito suavemente o sagrado pincel de um artista moço, o pincel divino da mocidade académica de hoje, que no negro das suas capas ha-de fantasiar, decerto, um ligeiro traço côr de rosa belamente perfumado pela encantada suavidade desse amor eterno: o egrégio amor da Pátria.

TAM afanosamente se tem trabalhado no meio académico para o exito completo do nosso Carnaval, que duvidar do triunfo seria um crime. Nenhuma vontade se perde nesse labirinto semeado de sacrificios só porque o negro duma capa e duma batina vai na frente, iluminando sempre com firmeza!

São estudantes... SÃO ESTUDANTES da vossa altiva cidade do PORTO, que ou vão buscar lá fóra aos afamados centros da intelectualidade estrangeira, particulas de glória para a nossa Pátria já tam grande, ou procuram mostrar-vos, pelas cercanias do seu Palácio Universitário, que na vossa cidade uma Academia existe, mas uma Academia que não vive duma lendária fábula que vai esquecendo, para só pensar num lindo futuro que lhe sorri e que ha-de ser digno, não só da cidade que o Douro beija, mas também da Pátria que todo o mundo adora.

Estudantes do Porto: continuemos o caminho rectilíneo que temos seguido e humildemente, mas com toda a alegria, dos nossos peitos, suavizemos as máguas dessas energias que vão envelhecendo.

Academicos brissos da cidade do Porto, enquanto outros vivem dos tam conhecidos contos da carochinha, proclamemos nós, bem alto, essa nossa lenda verdadeira que nasceu no santificado patriotismo que há muito tempo sentimos pela nossa Raça — Raça de moços patriotas — Raça de Heróis — Raça de Mestres — Raça de Santos — Raça de Deuses — a RAÇA PORTUGUEZA.

O PORTO ACADEMICO sente-se deveras contente só porque não ignora o adeantamento dos trabalhos carnavalescos. Vinte e tantos carros se enfeitam e se aprontam, enfim, para seguirem nesse cortejo que ha-de ser imponente, hilariante, encantador.

E que sagrada energia a desses rapazes: NAZARÉ, PINTO DA FONSECA, DAVID, SOBRINHO e tantos outros que não recuam nunca deante dos escolhos mais assustadores! Que vontade enérgica no FARINAS e A. MENDO que tudo sacrificam pela Academia, só pela Academia.

O PORTO ACADEMICO ha-de concorrer bem modestamente para essa intensa alegria. São alguns estudantes que sentem no peito esse vibrante entusiasmo que serviu de alicerce ao nosso jornalsinho. No meio dessa onda de contentamento, irão também esses moços que trabalham no PORTO ACADEMICO e doidamente desejam semear nessa alegria carnavalesca, a esperança de um futuro glorioso para a nossa Academia já tantas vezes vaticinado no nosso quinzenário.

E enquanto esperamos o dia 8, continuamos fazendo votos pelo exito maravilhoso do nosso Carnaval.

ESCÁRNEO DA CAVEIRA

AO SANTOS NOBRE

Eu próprio escarnei da minha dor
Divulgando os momentos torturados,
Em versos em que pus estilizados
Os caprichos dum peito sofredor.

São cantos em que resta o mau sabor
De sonhos e de fel entremeados.
Ah! Não podem os benaventurados
Perdoar-me este traço d'amargor!

Escarnei de mim, escarnei
De meus prantos, da mágoa que não sei
Lapidar á beza derradeira,

Que o mesmo escárneo em qualquer dor existe:
Olha a face da morte, linda e mais triste,
Esconde sempre o riso da caveira!

JULHO DE 1922.

TITOLIVIO SANTOS MOTA
Aluno da F. L.



— E pode dizer-me como são as comidas cá na casa?
— São as melhores da cidade: Durante a semana, ao almoço, batatas e arroz; ao jantar, arroz e batatas.
— E ao domingo?
— Ao domingo são diferentes: ao almoço, arroz e batatas e ao jantar, batatas e arroz.

MOTIVO DO MEU VIVER

A M. L.

Quizera eu ter um pouco de talento
Para cantar em versos muito meus,
Aquilo que eu só penso e que só Deus
Pode, talvez, pensar neste momento.

Ando no mundo porque os olhos feus
Conhecem bem a dor, o sofrimento,
Sabem o que é a vida de tormento,
E sabem compreender também os meus.

A indiferença que tenho pela vida,
É tão grande, tão grande, tão sentida,
Qu'até vontade eu tenho de morrer...

Mas a sinistra morte, negra e fria,
Olha-me com desdem, dia após dia,
Dizendo: — "sofres? has de então viver."

JANEIRO DE 1923.

PALEIA FIGURA
Aluno da F. M.

IDA E VOLTA PORTO-MADRID

O Orfeon Academico do Porto, quando esteve em Madrid, solidarizou-se de tal maneira com os estudantes da capital espanhola, que, antes do regresso, convidou um grupo de lindas colegas a vir assistir ao Carnaval dos Estudantes.

As gentis colegas madrilenas não sentiram coragem para desprezar o convite e varias cartas se trocaram depois que o nosso glorioso Orfeon chegou á terra do seu nascimento.

Julgamos, pois, que pelo menos oito académicas madrilenas sempre virão á cidade do Porto, chegando no dia 7 como nos prometem na carta seguinte:

MADRID. Residencia de los Estudiantes.

Caros colegas:

Con mucha alegría y placer recibimos la invitacion que tubieran la amabilidad de hacer a nosotras, estudiantes españolas, para nos marcharmos hasta el Porto, en el Entrudo de los Estudiantes.

Por los periodicos madrileños hemos sabido de Usteds haceren entrudo, y tanto mayor

fué nuestra alegría, cuando recibimos vuestra tarjeta.

Con mucho gusto, tenemos a dizer a Usteds que llegaremos al Porto, dia 7, con nuestros trajes costumbrables, de mantilla, etc.

Con nuestros saludos,

Vuestras colegas
mucho gratas

Uma dessas tão simpáticas espanholas, a bela Carmencita, que sempre mostrou pelo nosso quinzenario uma maravilhosa e desinteressada simpatia,

foi ha tempos convidada particularmente pela Empreza do "Porto Academico" para ser sua hospeda durante os dias em que se demora nesta Invicta cidade. O seu ultimo telegrama enche-nos de contentamento pois que ansiosamente esperamos o dia da sua chegada,

Madrid, 27-1-1923

Buenos colegas:

Com mucho gusto tengo a dizer a los colegas de el "Porto Academico," que llejo juntamente con mis colegas dia 7 Carmencita

OS TEATROS FOLHAS AO VENTO PROBLEMAS

Um cavalleiro (?) que pela Vaidade não peca teve a gentileza de enviar para a nossa Redacção uma extensa e engraçada carta na qual me dá varios conselhos (presunção e água benta...) Podia responder-lhe, *publicando em publico* (isto para fazer uzo duma das frases do tal cavalleiro (?)) factos que demonstrassem os enganos da misisiva do *critico inexoravel* (é esta a assinatura do Mestre!) Porém não desejo terçar armas com cavalleiros que vivem na sombra e que acuzando não o fazem com lialdade. Espero portanto o nome do *critico inexoravel* e se de facto se tratar duma Pessoa competente neste assunto, desde já prometo seguir todos os conselhos e pedir-lhe desculpa da minha ou-sadia...

Mas não me parece!

SÁ DA BANDEIRA

A Presidente, comédia em 3 actos de Hannequin e Weber, tradução de André Brun.

Peça—Engraçadíssima a comédia que A. Brun traduziu, como quasi só elle o sabe. Não há situações forçadas e o espectador ri francamente, com plena satisfação. É uma boa peça para rir, optimamente trabalhada. Sem defeitos? Não! Durante os 3 actos há alguns e um deles é enorme posto que dê origem a varias scenas importantes da comédia; não se compreende que Luiza tendo estado 3 mezes em Londres esquecesse por completo a sua lingua.

Desempenho—Foi esta a peça que teve melhor interpretação pela Companhia Aura Abranches.

Adelina, Alves da Silva e Sacramento — muitissimo bem.

Aura—não me agradou como esperava. Arranjou uma dição cantada, que por vezes a prejudica. Contudo detalhou bem algumas scenas.

A. Pereira — agradou-me por completo na Sofia e segura-se na Julieta.

Lyda de Almeida — tem nesta peça—até hoje—o seu melhor trabalho.

Julieta de Almeida — defende-se e veste bem.

Oscar Soares—muitissimo bem no Mario e correcto no pequenino papel de Bouquet de lfs.

Grijó, José Soares e O. Barros — bem, e por esta ordem.

Athayde, Sampaio, Betencourt e Neves — seguros.

O Publico gostou, aplaudiu e encheu a casa.

A *Marquezinha*, comédia em 3 actos, do dr. Souza Costa.

Peça—Deve ser admirável a leitura da «Marquezinha» como livro de valor. O dr. S. Costa que ainda há pouco teve em scena na capital uma outra peça «Frei Satanaz» foi novamente infeliz com a adaptação do seu belo trabalho ao Teatro. A «Marquezinha» tem como peça um acto encantador: o primeiro. Nos restantes passa a ser um pouco desmoralisadora e... fico por aqui.

Desempenho—Adelina e Aura, bem; Azevedo, num genero diferente dos papeis que costuma interpretar foi um belo diseur; Alves da Silva, bem e os outros com altos e baixos.

Digno de registo o scenario e mobiliario do 1.º acto sendo o primeiro de Leitão de Barros.

P. G.

AOS LEITORES

Prevenimos a todos de que o «Porto Academico», que se tem vendido na Praça e em todos os quiosques da cidade, deixa a partir de este numero de vender-se avulso, devido ao constante aumento de assinantes que temos tido.

Já não podemos enviar o nosso primeiro numero a tantos leitores que o tem pedido, só porque a sua venda avulso foi de veras completa. Nos numeros seguintes fomos diminuindo esta venda e hoje terminamos definitivamente com ela, resolvendo somente aumentar a nossa tiragem á medida que os nossos assinantes vão aumentando.

Deixaremos, no entanto, alguns exemplares, muito poucos, no quiosque da Praça.

—A's vezes, muitas vezes até, falam-me da volupia em acento de voz tal como quem fala de uma religião,—a nova religião vitoriosa do desejo feito beleza, garantem-me.

!Engano e torpeza!

Por mais pura que seja, a volupia é sempre um atentado, um inutil e bruto sacrilegio. Pouco mais ou menos, como se, uma vez enfronte duma catedral gótica, em logar de nos pormos a olha-la e senti-la com a alma tal ela fôsse uma divina obra de alma, antes nos dêsse para arremessar injurias e pedras.

Mais um motivo—!engano e torpeza!

Os sensuais são os herejes da Beleza.

—?Que te fale de beijos não?

Então escuta lá.

Há beijos que são como garas—penetram a carne e doem; — outros que lembram golpes de tão ensanguentada que deixam a boca; — outros, dilacerantes como gritos; — outros negros de terra; — outros, mais mutiladores que chagas; — outros mais que parece que uivam, ferozes, como uma alcatéia de lobos com fome — muitos outros que mancham e repugnam qual escarros de fisico; — outros ainda que, sem exagero, eu determino pelo tórpe espasmo das béstas em cio natural; — finalmente, outros que se me afiguram desvaídas, mãos de desejo passando a carne, maceando-a, corientes e do'rosas!

...Mas os melhores beijos, até os únicos verdadeiros e que se devem dar, são aqueles que eu te dou, ó meu amor — perene desfolhada de outono, pétalas que tombam, deseitos e vivos, como uma suave agonia crepuscular, caricia de flores chorande e morrendo, doces noivados de luz matutina, cristianissim! agua de meus lábios em fonte sagrada, gótas que são pérolas, beijos que são hóstias, ~~purificadores~~, alvissimos, amorosos, — sim, meus beijos que até parecem uma elevação de hóstia no bento altar de teu corpo lindo!

!Um corpo lindo de mulher!

!Um corpo lindo de mulher é como uma Avé-Maria — só resado.

!Bem dita oração de carne, corpo de meu amor, como eu te reso!

Meus beijos são resas—resas ditas com meus lábios de carne e pecado e com minha alma toda. Lábios de alma, se eu os tivera, ainda mais doces do que os de meu amor, ainda mais puros que os de *Senhora de Puresa*, ainda mais espirituais que os de sóros branquinhas, assim eu quero resar um corpo lindo de mulher, ó meu amor!

Povoa de Varzim, Janeiro de 1923.

JORGE DE NOVAIS CRUZ.
(F. de L.)

I
O Amor!... Eis uma palavra ao mesmo tempo banal e transcendente, que encerra em si todos os sentimentos contraditórios, desde o desespero á alegria, desde a bondade á malvadez! Eis o grande fulcro em torno do qual gira a vida de toda a Humanidade.

Mas afinal o que vem a ser o Amor? A esta pergunta tantas vezes formulada, o mais sensato seria responder simplesmente: «Não sabemos!»

São muitos os paradoxos estabelecidos ácerca dessa grande paixão humana, muitas são as teorias sobre ela architectadas. Desde a brutal definição de Champfort até ás subltis teorias de Schopenhauer, o caminho percorrido é bastante extenso.

Evidentemente, o Amor considerado na sua fórmula mais simples—o instinto sexual—tem um fim nitidamente definido e entra, como função fisiológica no quadro geral das coisas preestabelecidas na Creação. Tanto importa investigar as suas causas como as das outras funções do animal-Homem.

O que nos importa considerar é o conjunto de fenómenos psicológicos que constituem propriamente o Amor, tal como ele é vulgarmente comprehendido.

Nenhum desses phenomenos, porém, constitui realmente o Amor, que nada mais é, segundo muito bem diz Bourget, que «a obsessão do sexo». Esses sentimentos tão belos que nos inundam a alma de um tão do-

TEATRO S. JOÃO

A revista academica, original de Adalberto Mendo e Augusto Farinas, com musica de Modesto Osorio, será representada no teatro de S. João nas noites de 8 e 9 de Fevereiro, sendo de esperar um autentico successo.

Do desempenho encarregam-se, entre outros, os seguintes estudantes:

João Ribeiro, José Faria, Barroca, Bravo, Siza, Almeida e Souza, Taveira Areosa, F. de Oliveira, Perry Garcia, David, Fogaça Guimarães, Mateus de Macedo, Sobrinho, Petronilho, Paes de Figueiredo, Vouga, Figueira Lopes, Geordano Barbosa, Leobaldo, Montes, Madeira, Titolivio, Moreira da Cunha, Pratinha, Montes, etc. Grande procura de bilhetes.

ce effluvio, tem uma origem de uma materialidade espantosa.

Assim vemos que é durante a puberdade que a «sentimentalidade vaga» aparece e que o indiuo tem uma mais forte receptividade para o Amor.

Ora o Homem pretendendo espiritualisar o que ha de material na vida, fez passar o Amor de uma extrema simplicidade á maior complicação, mascarand-o com uma série de phenomenos psicquicos, que, hoje fazem parte integrante do Amor, introduzidos pelo instinto de imitação, e sugestão.

Creio que não será muito admissivel supôr que o Homem das Cavernas se desfizesse em madrigais para conquistar a *bela dos seus sonhos*; o Amor nesse tempo era um simples acto animal, mas nem por isso deixava de ser Amor. De resto compare-se o Amor dum ultracivilisado europeu com o dos mais selvagens habitantes dos sertões de Africa e vê-se-hão as diferenças resultantes da disparidade de civilisação, mas que em nada affectam a essencia intima do Amor em si. E mesmo ainda hoje em toda a parte o Amor tem qualquer coisa de selvagem: Se abrimos o dicionário de medicina de Nysten no vocábulo Amor, encontramos lá as seguintes linhas: «...Muitas vezes no homem o instinto de destruição revela-se conjuntamente com o instinto sexual...»

E' curioso notar que esse conjunto de phenomenos de ordem moral que acompanham o Amor, tornaram-se por assim dizer predominantes, dando origem a sentimentos que escondem a realidade, sendo por vezes o ponto de partida de manifestações morbidas de que os suicidios e crimes passionais nos dão constantes exemplos.

A. FARINAS (VASCO GIL).

P. S. — No ultimo numero do «Porto Academico» vinha um artigo do sr. Jacinto de Andrade em resposta a umas considerações que fiz neste mesmo jornal sobre a crise moral da Academia. Poderia, talvez, responder bastante extensamente áquele senhor, pois que tenho elementos para isso. Limito-me porém, a dizer-lhe que me deu a impressão de que não comprehendem os referidos artigos, e que eu os não escrevi para as estreitas mentalidades que encerram as suas aspirações num restricto ambiente, não procurando vêr mais longe, pois que a sua estatura de pigmeus lh'o não permite.
A. F.

ENTRE BAIONETAS

NOVELA VERDADEIRA PELOS DOIS ACADEMICOS
EM COLABORAÇÃO: TITONOBRE E NOBRETITO

(DEDICADA A JACINTO DE ANDRADE)

CAPITULO I POR TITONOBRE

Retrocedendo, vejamos o que aconteceu a Maria das Dores após o momento cruel da despedida, doloroso afastar de duas almas para melhor se juntarem, que a saudade, como um *écran*, quanto mais longe das almas que projecta, mais ganha em grandeza, como que diluindo os contornos do corpo para somente se preocupar da essência. Desde que os seus lenços brancos deixaram de trocar a muda promessa dum adeus, ela ficara-se a vêr a tragédia imensa que começava e ia ter por scenários, os campos da batalha, lá longe, onde tudo é incerteza e cada passo um caminhar para a morte, e dentro dela o âm-

bito apertado dum coração que tem dentro, o castelo das suas ilusões.

—Não, não podia ser! — monologava a dolorosa. —

Ficar ali, corpo sem alma, na inutilidade das coisas mortas. A vida levava-lhe elle; era mister que fosse o seu carinho, toda a beleza de seus olhos, o conforto das suas juras. E se caísse ferido, se o aço duma bala lhe levasse a morte, ela queria ouvir-lhe as últimas palavras, refer a sua derradeira vontade, sem dúvida, promessa de infinito amor que um tumulto cumpriria!

Não fôra só ela! A carpir magoas semelhantes, havia centenas de peitos roídos pela tor-

tura, olhos que tinham visto muitos sóis e outros innocentes, ainda há pouco fechados, que se banhavam num mesmo pranto.

Passou, então, todos os episódios do drama a que assistira, dirigindo-se para casa, e pediu ao Senhor remédio para tantos sofrimentos, e que a glória compensasse todas aquelas lágrimas, dando á Pátria o justo quinhão do seu sacrificio; e rezou por elle, dando ás suas orações um ardor novo de crença mais profunda. Depois ergueu-se, abandonando a sua fantasia a mil concepções, urdindo planos que abandonava, num estado de nervosismo intensissimo.

O vapor estava prestes a deixar Lisboa em demanda da sua rota. O capitão Armando de Brito, depois de dar as últimas ordens, descera ao camarote. Quando passavam em frente de Belem, nos seus olhos que nunca choraram, correram duas lágrimas, dois mundos de dor a impedirem-lhe de vêr pela

ultima vez o sagrado padrão das nossas descobertas. Passados momentos, o impedido dizia: «he que fôra, um soldado insistia em falar ao snr. capitão, para quem trazia um recado urgente.

—Que entre — disse-lhe Armando de Brito.

O impedido saíu a transmitir as ordens que recebera. Logo após, um soldado franzino, imberbe, com a farda baloiçando-lhe no corpo, quasi pendurada dos ombros, transpunha a pequena porta, perillava-se diante do capitão, fazendo-lhe a continência.

Armando de Brito, quasi sem reparar, perguntou-lhe as ordens que trazia. O soldadito, envolveu-o num olhar em que ia a ternura de seus grandes olhos negros, muito meigos, e com voz afeminada, respondeu-lhe:

— Meu Capitão, venho exigir-lhe o cumprimento duma promessa!

Armando erguera os olhos para o soldadito que ousava exigir-lhe, e não podendo acreditar no que via, exclamava num mixto de receio e alegria.

— Tu! Tu, Maria das Dores!

— Sim, eu, querido Armando! Perdoa-me!

E os seus braços cruzaram-se num intimo abraço e nos lábios as almas comungaram num beijo imenso o amor que as huminava.

Depois, ella explicou-lhe tudo: queria partir com elle, participar dos mesmos perigos e das mesmas venturas. Na estação vira um soldado despedir-se da mãe viuva e de seus irmãos, ainda crianças, que perdiam nêle o unico amparo.

Partiu no comboio seguinte e, em Lisboa, resolveu tudo. Restituira a um lar a ventura que a guerra ia destruir e levava ao seu amado a coragem para bem servir a Pátria, satisfazendo o seu amor a Portugal e a elle que era toda a sua felicidade. Um beijo uniu novamente aquelas duas almas divinizadas, alheias á azáfama que invadia o transporte.

Horas depois, o soldadito era indicado para impedido do Capitão, com grande mágoa do Laracha que, há muitos anos já, estava ao seu serviço.

No proximo numero publicaremos o III capitulo da historia de Nobretito.

CARTA

Ex.^{mo} Sr. Director de
«O Porto Academico»:

Quando se fundou este nosso quinzenario, cessava o meu cargo de redactor no jornal da minha terra, o «Ideal da Mocidade», que perante uma avalanche de sacrificios acabava de suspender a sua publicação. Entrei no «Porto Academico» como fundador, e a empreza que V. Ex.^a mui dignamente dirige, elegeram-me para o cargo de editor, que, ou bem ou mal, procurei honrar. Sucede, porém, que os rapazes da minha terra exultados por uma mocidade viva e consciente, por amor bairrista e por patriotismo, resolveram publicar um novo quinzenario de defeza dos interesses locais, baseados num compromisso que eu tinha, de que nunca seria eu a causa deita qual em Rio Tinto não se formaria um jornal. Fui nomeado director do mesmo, ao que não pude opôr-me, em virtude do meu compromisso. Peço, portanto, a V. Ex.^a me demita do cargo de editor, que exerço no «Porto Academico», continuando eu trabalhar dentro desta mesma empreza de que juntamente com V. Ex.^a e com o nosso amigo Perry Garcia, fui um dos fundadores. Creia V. Ex.^a que o novo quinzenario «A Mocidade Aldeã» que dirijo em Rio Tinto, confraternizará com o «Porto Academico», dentro dos mesmos ideais que hão de sanear a sociedade portugueza.

Rio Tinto, 10-1-923.

FERREIRA DOS SANTOS.

O «Porto Academico» elegeram para o cargo de editor o membro da Empreza, Antonio Carvalho de Andrade, academico illustre que tanto tem trabalhado para o resurgimento academico na nossa cidade do Porto.

DA NOSSA ARCADEA

Da Associação dos Estudantes recebemos, visto que as eleições Academicas foram adiadas, a lista oficial que abaixo publicamos. Tinhamos resolvido não publicar lista alguma; no entanto como ha bem pouco tempo começou a distribuir-se uma lista apresentada pela Direcção transacta, não podemos negar-lhe publicidade nas nossas colunas, atendendo a que essa Direcção, que tanto prezamos, cumpriu maravilhosamente e quasi que totalmente o seu bem extenso programa.

Direcção:

Presidente, Belarmino Modesto Pinto Osorio, F. T.; vice-presidente, Oscar Saturnino da Cruz Monteiro, F. T.; tesoureiro, Manuel Esteves Guimarães da Silva Leal, F. M.; 1.º secretario, Manuel Agostinho Gonçalves da Silva, F. L.; 2.º dito, Jacinto de Carvalho Andrade, F. M.

Vogais:

Geordano Bruno Barbosa, I. I.; Carmilo Pinto de Araujo, F. M.; Cornelio Fogaça Guimarães, F. S.; João Espregueira Mendes, F. M.; Vergilio Amaral, E. B. A.; José Bessa Ribeiro, L. R. F.; Mateus de Macedo, F. L.; Rogerio Lopes Rodrigues, E. B. B.; Anibal Augusto da Silva, L. A. H.

Assembleia geral:

Presidente, Manuel Marques Gomes, Filho, F. T.; vice-presidente, José Frazão Nazareth, F. M.; 1.º secretario, Tito Livio Rodrigues dos Santos Mota, F. L.; 2.º dito, José Martins Ferreira, F. M.; vice-secretario, Carlos Luiz Gonzaga Braga Real, F. M.; dito, Serafim Lino Marques de Almeida, F. S.

Conselho Fiscal:

Presidente, Aires Pinto Ribeiro, F. M.; vice-presidente, Manuel Joaquim Ferreira, F. M.; secretario, Antonio Gonçalves dos Santos Nobre, F. S.; vogais, Luiz Pinto da Fonseca, F. S.; e Jorge Vieira de Araujo F. T.

ÀS CALOIRAS DO F. Q. N.

Em resposta ao artigo com este titulo do nosso colaborador Edgar Bruno, recebemos cartas de duas caloiras do F. Q. N.

Duma maneira geral ambas dizem o mesmo, e portanto resolvemos publicar aquela de que conhecemos a autora.

Ex.^{mo} Snr. Edgar Bruno:

Li a sua interessante carta, e não pude resistir á tentação de responder-lhe em nome das caloiras do F. Q. N.

Em primeiro lugar, agradecida pelos conselhos que em tão má hora expende. Em segundo, muitos parabens, pela graça (?) de que está revestida a sua missiva. E eित्रarej propriamente na matéria.

V. S.^a quer por força que abandonemos o curso de medicina. E para nos convencer, serve-se duma declaração em globo, e de semrazões, em vez de cem razões. Assim mete o sol como fanfarra, chama-lhe patife, a Anatomia apezar de ter vários volumes tem para si apenas uma corda—que talvez lhe pudesse ceder.—A seguir quere-nos meter medo com a morte, fala de incompatibilidades entre mulher e medica—se todas as mães deviam ser medicas!—e seguem-se mais pieguices de que não quero dar conta. Quanto ao *frémto sensual* e ao *instinto nupcial*, por *insinto de conservação* o snr. Bruno devia-os ter deixado ficar no tinteiro. E termina a carta com um periodo muito elegante e... desavergonhado.

Snr. «Edgar Bruno»—mascarilha gentil dum mediocre estudante—deixe-se de literatices, estude, veja se melhora um pouquinho as suas médias e *consinta* que sigamos o nosso *ignobil* curso. Quanto á frase de Camilo «estética e plásticamente parvo», garanto-lhe que se a applicasse a V. S.^a o grande prosador economisaria os dois advérbios.

Uma caloira feia do F. Q. M.

N. da R.—Uma Caloira Feia do F. Q. N. é muito facil saber quem é.

Ó ADEUS DUMA NOIVA:

No campo de batalha o silvar de um obús.
Austero e singular, arrogante e atrevido,
Já leva atraz de si, de presente a Jesus,
Duvidoso e sereno, um trémulo gemido.

E' um belo patriota, um militar valente,
Do grande altar da Patria, egregia sentinela.
Ao penetrar no — Aleluia — lembrava sorridente,
A Portugal sagrado, o adeus duma donzela.

A minha pena rude e humilde, mas fiel,
Que vai num mau so lago e mesmo assim naufraga,
Saltando á minha mão, desliza no papel
E diz-me o seu peisar desta maneira vaga:

A lua tam esquivã e folgazã
Depois que o sol se esconde lá no mar,
Toma no céu maneira mais louça
E euvia-lhe um sorriso e um olhar.

E eu sei que o sol sorri, quando ao voltar
Nos beija docemente de manhã,
Porque viu esse lenço de luar
Que é o adeus duma noiva c-stelã.

¿E esse divino adeus — santa guarida
Da mais fina esperança duma vida —
E' o saudoso chorar da Eternidade?

Não... Esse adeus — raiair de primavera
E sonho mais gentil de quem espera —
E' o eterno sorriso da Saudade!..

Minha pena, outra vez, cairá num abismo
E, decerto, jámais conseguirá salvar-se.
Disse-me o que pensou, mas lá no seu egoismo
Quis tudo escurecer, num tímido disfarce!..

... Aiem numa cazinha á beira dum ribeiro
Uma noiva cantava ao seu bom noivo auzente!
Quando a carta chegou dando o adeus derradeiro,
Vi como que a Saudade a rir eternamente!..

SANTOS NOBRE

SPORT

Nesta época em que o desenvolvimento sportivo cresce de dia para dia, e em que Portugal faz parte de esse nucleo de nações que dedicam a seus filhos os meios para se poderem educar completamente, não podia eu, um entusiasta pelo sport, deixar de escrever estas linhas para um jornal academico, para um jornal que tanta vez afirmou ser de todo o estudante.

Recordemos um pouco de historia antiga, e vejamos o que era a educação física para os gregos e para os romanos, quando estes até diziam, que só era educado aquele que sabia lêr, escrever e nadar.

No grande Coliseu se juntavam as principais familias de Roma e o proprio imperador, para verem as lutas de morte em que a agilidade e a força do homem rivalizavam com a do tigre e com a do touro. Bem sei que esses homens eram condenados á morte, e que lutando poderiam talvez alcançar a vida e a liberdade; mas se eles eram condenados á morte, podiam ser enforcados ou passados pelas armas. Porém, os imperadores e o povo preferiam vê-los lutar, e... iam vêr essas lutas como hoje vamos vêr um desafio de foot-ball.

Mas o espirito sportivo dos romanos não se limitava somente a grandes lutas do homem com as feras.

As grandes corridas de cavalos e as célebres corridas de carros, em que um carro muito leve era puxado por 10 e 12 parellas, guiadas por um só homem.

Para os cartaginezes era tão celebre um grande e destemido navegador, como um grande general.

E' por isso que o nome do grande navegador cartaginez Hannom, é colocado ao lado dos grandes generais Amílcar, Anibal e Asdrubal.

CANTO MONIZ.

OS POBRES DO NOSSO JORNAL

Como foram bem poucos os nossos assinantes sem consciencia, essas viboras humanas que se emporcalham asquerosamente com a diminuta quantia de 1\$20, limitamo-nos por enquanto a sofrer, deante dos nossos assinantes de quem desejamos ser dignos, o vexame de publicar os seguintes nomes:

JOSÉ GONÇALVES RODRIGUES,
rua da Boavista, 561—Porto.

AMADEU FONSECA, Pans—Rezende.

JOÃO BAPTISTA GONÇALVES,
Escadas do Monte, 4—Gaia.

GUILHERME S. CARDOSO, rua
General Torres, 103—Gaia.

HENRIQUE S. CARDOSO, Escola
Agricultora—Santarem.

ALCINO CACELA, rua Entre-
Quintas, 23—Porto.

JOSÉ BRITO, rua Anselmo
Braancamp, 70—Porto.

EVARISTO FRANCO, rua das
Flores, 110—Porto.

LUIZ MACIAS TEIXEIRA, rua da
Travessa, 111 (Paranhos) —
Porto.

Aos nossos leitores e amigos que decerto já nos perguntam se somente fazemos isto a tão vis caloteiros, devemos responder que APENAS SERÁ POR ENQUANTO porque semelhantes pobresinhos alguma coisa mais merecem.

Mandaremos um cobrador especial...

OS NOSSOS AMIGOS

O «Porto Academico» que acaba de sofrer uma razoavel subida no pagamento dos seus trabalhos tipograficos, não pode esquecer a maneira como a Empreza do «Primeiro de Janeiro» atendeu o seu pedido, diminuindo o pouco esse aumento e agradece, portanto, na pessoa do Ex.^{mo} Sr. Jorge de Abreu, illustre director do «Janeiro», a todos aqueles que no conselho da Empreza, se interessaram pelo nosso quinzenario.

—Tambem não podemos esquecer a maneira carinhosa como o Ex.^{mo} Sr. Manuel Pinto de Azevedo — o tão conhecido industrial da nossa cidade—nos cedeu um camion que lhe haviamos pedido a fim de no «Carnaval dos Estudantes» levar o projecto da Empreza do «Porto Academico». Ao tão desinteressado amigo da Academia cumpre-nos agradecer a subida gentileza que teve para connosco.

—Finalmente, todos aqueles que trabalham no «Porto Academico» para o engrandecimento da Academia, sinceramente agradecemos á nossa illustre colega da Faculdade de Letras D. Carolina Ferreira dos Santos, o modo como há muito nos vem ajudando—conseguindo para o nosso jornal um elevado numero de assinantes. E já que começamos não podemos olvidar os nomes de Damaso Constantino e Antonio de Almeida Costa, dois estudantes de um elevado espirito academico que vão acariciando o nosso quinzenario conseguindo-lhe o maior numero de assinaturas.

Para José Branco não vão somente os nossos agradecimentos de pequeninos jornalistas mas tambem aqueles que lhe devemos como colegas e como amigos dedicados. Numerosas assinaturas tem sido, com efeito, aquelas que ele tem enviado á nossa redacção.

ASSINANTES

Em virtude de ter sido elevado o pagamento dos nossos trabalhos tipograficos e a franquia postal ter tambem aumentado consideravelmente, somos obrigados contra nossa vontade a elevar tambem o preço das nossas assinaturas de 1\$20 para 1\$50 por trimestre.

Pedindo desculpa, agradece-mos aqueles que não virem no nosso gesto uma sensível contrariedade.

**Gazolina
Petroleo
Oleos de lubrificação
e
Combustiveis**

“SHELL”

The Lisbon Coal & Oil Fuel Company, Ltd.
Lisboa, Pôrto, Figueira da Foz, Viana do Castelo
Depositarios em todo o Paiz

Livraria, Papelaria e Tabacaria Passos

DE **José M. Pereira Passos**
Telefone, 320
R. de Santo Ildefonso, 338 -- 60, R. Herois de Chaves, 64
ARTIGOS PARA CARNAVAL

Fazendas Baratas

Encontram-se por preços com os quais NINGUEM PODE COMPETIR no Deposito da SOCIEDADE DE FABRICANTES DE LANIFICIOS -- COVILHÃ á Rua do Almada, 59-1.º Direito.

O RETROZEIRO

ANTONIO THIAGO PEREIRA

398, Rua Fernandes Thomaz, 397-A

Artigos de Modas e Miudezas, Pelerines, Regalos em peles de varias qualidades. Sempre um grande e variado sortido da sua especialidade.

Retrozes, meias, peugas, lenços, perfumarias, sedas, panos brancos, tules, rendas e

Artigos para Bordar

CONFEITARIA PADRAO-PALACE
Azevedo Costa & C.ª L. da

Largo do Padrão, 8 a 14

Telefone, 1213 -- PORTO

Grande sortido em chocolates, bombons, etc., etc.

Lindas prendas para o CARNAVAL

A LUSITANA
REGISTADA

Grande Armazem de Viveres
— Confeitaria e Pastelaria —

Veloso, Dias & Castro, L. da

Rua Formosa, 339 — PORTO — Telefone, 878

Sortido completo em todos os generos de mercearia, vinhos finos, champagne, licores nacionaes e estrangeiros. Unico deposito no Porto do famoso PÃO DE LÓ DE MARGARIDE

Especialidade em Generos do Brazil, Cha e Cafe



A Imperia

MODAS E CONFEÇÕES

43, RUA DE SANTA CATARINA, 45

(PROXIMO A' PRAÇA DA BATALHA)

PORTO

Grande sortido de fazendas em todos os generos e artigos de malha para homem, senhora e creança. Cintas e espartilhos, peles e casacos para senhora.

Preços modicos para todos os artigos

Fábrica de Casa Veludo

R. Sá da Bandeira, 102

A primeira que fabricou estes artigos em Portugal

SERPENTINAS
CONFETTI
LANÇA-PERFUMES

! ESTUDANTES!

Acabar-se-hão os vossos calos se usardes o celebre "Calol" que se vende na
FARMACIA CAEMEIRA
R. Heroismo, 106-PORTO

PAPELARIA INDUSTRIAL E TIPOGRAFIA
Sebastião d'Almeida

23, Largo do Carmo — PORTO

Completo sortido em objectos d'escriptorio e desenho. Especialidades. Papéis de luxo. Carteiros e Bilhetes de visita. Caneas de tinta permanente.

GRANDES ARMAZENS

DA BEIRA

A primeira casa de lanificios do Paiz

Angulo das Ruas Santa Catarina e Formosa

PORTO

Dil-o toda a gente

que são os fabricantes **DONAS da Covilhã** que mais barato vendem as melhores e mais bonitas fazendas de lã para

FATOS
(EM TODOS OS PADRÕES)
SOBRETUDOS
(MESCLAS, RATINES, ETC.)
GABARDINES
(IMPERMEAVEIS)
VESTIDOS
(TODAS AS CORES)
CASACOS
(PARA SENHORA)

Depositos de venda directa ao publico:
NO PORTO — Rua Fernandes Thomaz, 392-A
EM LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187-2.

CAMISARIA OLIVEIRA

15P. PRAÇA DA LIBERDADE, 16
PORTO

Endereço telegrafico.

POVRIR

Telefone numero 623

Manuel Caetano de Oliveira & C.a Limitada

ESPAÑHA

BRAZIL

FRANÇA

AMERICA DO NORTE

Agencia Nicolau Ferraz

Rua do Loureiro, 60 a 62 -- PORTO

Correspondente das casas bancarias Guilherme M. Luiz, de Nev Bedford, Mass, na America do Norte

LIVRARIA

— DE

Fernando Machado & C.ª L. da

COMPRA
E VENDE

TODA A

QUALIDADE

DE LIVROS

NOVOS

E USADOS

OBRAS

NACIONAES

E ESTRANGEIRAS

Rua das Carmelitas, 15-PORTO

CASA CARIOCA
Armazem de Secos e Molhados

(ANTIGA MERCEARIA FUNDADA EM 1818)

Mendes Guimarães & Irmão

IMPORTADORES DE FUMOS E DE GENEROS DE TODOS OS ESTADOS DO BRAZIL:

Carne seca, linguas do Rio Grande, camarão seco, pimentinhos, farinha Suruy, Matte, ARROZ IGUAPE, cangica, araruta, sagu, polvilho, tubá mimoso, tapioca do Pará, farinha d'agua, pirarucu, tucupy, azeite dendê, café Minas, Moka e todas as frutas: goiabada, rapadura, mariola de capote, abacaxi, caju, coco, manga, tamarinho, bananao, caju cristallizado, etc.

PARATYVESPECIAL marca "Pretinha", e LARANJINHA marca "Avenida Central", (registadas)

REPUTADAS MARCAS E EXCLUSIVAS DESTA CASA

Comissões — consignações

Vinhos finos, Cognacs, Licores e Champagnes

Grosso e varejo

474, RUA DO BOMJARDIM, 478 — Porto

Telegramas PRETINHA: — Usa-se o Codigo Ribeiro — Telefone, 1529

A ROYAL-FOTO

é o mais artistico atelier do Porto e a que melhores esboços apresenta. 1 duzia de bilhetes postais artisticos, 155000 — 6 retratos carteira (novidade), 10,00 — 1 ampliação, grande form. c/ caixilho, 22,00

R. DO BOMJARDIM, 268 — (Em frente aos Bombeiros Voluntarios)

Companhia Funeraria e Decorativa Portuense
SOC. ANON. DE RESP. LTD.

Rua de Santa Catarina, 432 a 438 — Telef. 995

AGENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO PAIZ

Unica no genero em Portugal. Encarrega-se de funeraes, desde os mais simples aos de maior sumptuosidade; Trasladações; Decorações de gala, em Egrejas, Teatros e outros recintos.